

TV+

Da Asa Norte aos grandes papéis da tevê, Juliano Cazarré fala sobre carreira, espiritualidade, paternidade e a busca por sentido em tempos de incerteza

POR PATRICK SELVATTI

Na memória de Juliano Cazarré, a infância ainda tem o cheiro das árvores da Asa Norte, o ritmo calmo das quadras de Brasília, as águas minerais do Parque Nacional e a sensação de pertencimento que se constrói aos poucos. Nascido em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas criado no Distrito Federal, foi aqui que ele aprendeu a observar o mundo com atenção — hábito herdado do pai, o jornalista e escritor gaúcho/brasiliense Lourenço Cazarré.

Filho de palavras e silêncios, Juliano cresceu entre livros, conversas e inquietações. Não era fã das disciplinas exatas, tampouco sonhava, na adolescência, com os palcos. O teatro entrou em sua vida quase por acaso, no terceiro ano do ensino médio, durante uma feira cultural no Colégio Leonardo da Vinci. Incentivado pelo pai, decidiu prestar artes cênicas na Universidade de Brasília (UnB), e essa escolha mudaria seu destino. No câmpus, encontrou um ambiente fértil, no qual talento e rigor conviviam lado a lado. Sob a orientação do diretor uruguaio Hugo Rodas (1939/2022), participou de montagens importantes e descobriu que o teatro não era apenas palco, mas, sobretudo, uma forma de habitar outras vidas.

Em 2007, Juliano fez as malas e seguiu para São Paulo. Já gabaritado nos palcos e no cinema, estreou na televisão na série *Antônia* e, poucos anos depois, entrou definitivamente no radar do grande público ao viver Ismael em *Insensato coração* (2011), de Gilberto Braga. O reconhecimento nacional viria, no ano seguinte, com força, em *Avenida Brasil* (2012), de João Emanuel Carneiro, quando deu vida ao intenso Adauto. E consolidava-se com o protagonismo em *Amor à vida* (2013), de Walcyr Carrasco. Desde então, o filho adotivo de Brasília não saiu mais de cena.

Na semana em que se despediu de Jorginho Ninja — personagem marcado por violência, culpa e redenção em *Três Graças* —, o ator de 45 anos fechou mais um ciclo significativo. Ex-bandido que, no passado, aterrorizou a vida de Gerluche, vivida por Sophie Charlotte, o personagem encontrou na fé e na paternidade um caminho de reconstrução. Tentando salvar a filha, Joélly (Alana Cabral), e a neta recém-nascida, foi assassinado por Samira (Fernanda Vasconcellos) em uma sequência marcada pela visceralidade. Para Juliano, a construção desse personagem exigiu mais do que técnica, mas também escuta e coragem para lidar com a desconfiança inicial do público.

Fé que atravessa a cena

“O maior desafio na construção do Jorginho foi realmente criar alguém que transmitisse um arrependimento genuíno. O mais difícil era conquistar a confiança do público. Por ser um homem com um passado de muitas ações erradas, era compreensível que as pessoas desconfiassem dele”, explica Cazarré. Segundo o ator, não bastava interpretar um convertido, mas era preciso fazer com que o espectador acreditasse naquela transformação. “O grande desafio era ganhar o coração da audiência. E acho que conseguimos”, aposta.

Para ele, essa conquista passa pelo momento final do personagem. Jorginho morre angustiado, em busca da filha e da neta, mas, no instante derradeiro, encontra serenidade. “Ali, ele alcança a paz que procurava. Creio que o público cristão reconhece uma alma perdoada por Cristo, que alcançou a vida eterna”, afirma. Mais do que um desfecho dramático, Juliano vê nessa trajetória uma reflexão existencial. “O arco do personagem é a jornada de alguém em busca da felicidade eterna. A vida na Terra é marcada pelo sofrimento, pela sombra da morte. A felicidade plena só pode existir no céu”, analisa o gaúcho/brasiliense.